

## Psicologia da Submissão

Adaptado de KALINA, E. *Viver sem drogas*. Ed. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1987.

*Quis responder, ser diferente, autêntico, escolher "seu próprio veneno", e aí diluiu-se sua rebelião. Mais submisso do que ninguém, o que conseguiu foi extenuar seu próprio corpo, somente fugazmente percebido como ele próprio. A overdose foi a única coisa que lhe permitiu aplacar as queixas de seu corpo. Melhor morrer do que ver-se frente a frente com seu Eu desintegrado.*

Todos nós sentimos o peso das expectativas insaciáveis dos "outros", principalmente quando somos vítimas de rejeição ao não cumprirmos com o que é esperado de nós. "Os outros" nada mais são do que a sociedade, a mídia, a família, os amigos etc. que estão a todo tempo pedindo, de uma forma ou de outra, que atendamos às suas expectativas e que, quando não agimos conforme o esperado, nos reprovam.

Com o constante desejo de manter-nos adequados ao meio e participantes da "maioria", sem sermos excluídos, nos preparamos para exercitar ao máximo o dom da *plasticidade*. Precisamos nos adaptar às rápidas mudanças que estão sempre ocorrendo nos padrões de comportamento desejáveis, obtendo cada vez mais coisas e moldando constantemente nossa forma de ser.

Isso gera angústia. E quando a angústia cresce e a pressão torna-se insuportável, temos que fazer algo para sair de tudo isso, temporária ou definitivamente.

"Ser diferentes, ser autênticos, ser donos da própria vida." É isto que decidimos quando a pressão torna-se insuportável. Neste impulso de rebelião, encontram-se o revolucionário – que é, em seu sentido estrito, aquele que age para promover mudanças na sua realidade – e o usuário de drogas – que é aquele que, sem tocar em sua realidade, apenas busca mudar a percepção que tem dela, intoxicando-se.

Todos nós sonhamos com uma agradável realidade e a pintamos com as cores que desejamos, transformando-a em nosso objetivo. Para isso criamos uma romântica visão de nós mesmos, como aqueles que se lançam para romper uma estrutura que nos oprime. A partir daí, com o objetivo de "sermos

diferentes”, partimos em uma *jornada* que será determinada pelas nossas características pessoais e pelas influências presentes ao nosso redor.

Pode ser que esta *jornada* se caracterize por planos consistentes, que serão trabalhados e desenvolvidos pacientemente, e pela superação de possíveis fracassos e obstáculos que conferirão o fortalecimento do indivíduo. A outra possibilidade é sobrevoar a realidade, alterando a percepção que se tem dela, sem tocá-la. Tal qual a avestruz que coloca a cabeça num buraco quando percebe algum perigo – o perigo continua lá e ela continua ameaçada, mas pelo menos não está vendo isso, ela mudou a sua percepção da realidade.

A mesma intolerância à realidade encontra-se na origem do ato revolucionário e na origem do uso de drogas. Mas a semelhança entre ambas as *jornadas* acaba aqui, no fator que as origina. Pois enquanto o primeiro ato pode contribuir para modificar a realidade não suportada, o segundo ato – o uso de drogas – jamais incide sobre ela. É a obra de um indivíduo que para “ser diferente” conforma-se em reivindicar seu direito a “escolher seu próprio veneno”, numa tentativa *frustrada* de não perceber a dureza da realidade.

Se o que nos move é rebelar-nos contra o que desagrada e alcançar o objetivo de viver uma realidade melhor, queremos chegar inteiros ao destino. Quem escolheria fechar os olhos e perecer no trajeto? Ninguém. No entanto, os que o fazem são aqueles que, sem escolher, foram levados por sua história a tal grau de debilidade que os leva a exigir que toda solução seja imediata e mágica, ou seja, “pseudo-soluções” que ignoram o problema e não o solucionam.

E as drogas se apresentam como o buraco em que eles, como avestruzes, buscam esconder-se, para não ver o que está acontecendo.